

CARLOS
RIO
RU
LEMONS

RÉPTEIS E ANFÍBIOS

do Parque Natural do Litoral Norte

GUIA DE CAMPO FOTOGRÁFICO



Título

Répteis e Anfíbios do Parque Natural do Litoral Norte

Concepção gráfica

Carlos Rio

Textos (os textos da responsabilidade dos autores não obedecem ao Acordo Ortográfico)

Carlos Rio e Rui Lemos

Capa

Ricardo Rocio

Revisão técnica

Diogo Oliveira, biólogo

1ª Edição, Abril.2021

Créditos das fotografias

Todas as fotografias são dos autores assim identificadas: Carlos Rio - CR e Rui Lemos - RL

Edição 
FOTOGRAFIA DE NATUREZA
COLEÇÕES

Copyright 2021 Carlos Rio & Rui Lemos

Todos os direitos reservados.

É proibido, também ao proprietário deste ficheiro, fazer cópias e distribuir o mesmo, bem como a reprodução dos seus conteúdos ou parte deles, sem a autorização expressa e por escrito dos autores.

Carlos Francisco da Costa Palma Rio
Fão - Portugal

Rui Lemos
Barcelos - Portugal

Como qualquer trabalho desta natureza, este Guia em versão eBook é fruto de muitas horas de aprendizagem, de trabalho no terreno junto dos animais a observar para aprender e poder “dar a conhecer para preservar”. Muito e dedicado trabalho, o nosso trabalho!

Sempre que houver alguma actualização de importância, como a confirmação de mais alguma espécie na área do Parque, será enviado o ficheiro actualizado a todos os que adquiriram a 1ª edição.

Por respeito aos amantes da natureza cada cópia é numerada e personalizada, por isso solicitamos que o seu ficheiro não seja copiado para terceiros.

Agradecemos o apoio ao nosso trabalho.



Fão, 2021

Esta é uma edição especial para assinalar a Exposição colectiva de fotografia “PNLN revelado”



Notas e modo de utilização do Guia

O período de reprodução assinalado no calendário pode na prática sofrer algumas alterações pois há variantes que podem condicionar de alguma forma o período exacto (e.g. diferentes regiões, condições climáticas).

Para alguns casos a longevidade assinalada é apenas indicativa pois a informação obtida não forneceu, para todas as espécies, indicações diferenciadoras entre machos e fêmeas ou entre indivíduos em estado selvagem ou em cativeiro. O mesmo acontece com os dados sobre o tamanho e por isso são apresentadas dimensões médias.

A informação sobre a alimentação abrange as diferentes fases do desenvolvimento dos anfíbios e dos répteis.

O ficheiro tem o formato PDF interactivo tirando assim partido de todas as ferramentas do leitor Adobe Acrobat instalado no smartphone ou numa outra plataforma: pesquisa por nome comum ou científico, visualização de páginas contínuas ou página a página, organizar páginas, adicionar marcadores, entre outras ferramentas muito úteis e que facilitam a consulta do Guia no campo!

Os nomes comuns ou científicos nos índices são ligações para a página da respectiva espécie, basta fazer um click sobre o nome; da mesma forma também se poderá avançar directamente para uma Ordem clicando, na lista das Ordens, nos respectivos rectângulos coloridos.

Para regressar ao índice basta clicar nos círculos concêntricos que estão a meio e no fundo de cada página.

As setas azuis na página "Ligações úteis sobre os Répteis e Anfíbios", são ligações aos respectivos sites.



Este símbolo indica que na página existem ligações que necessitam de Internet



Índice

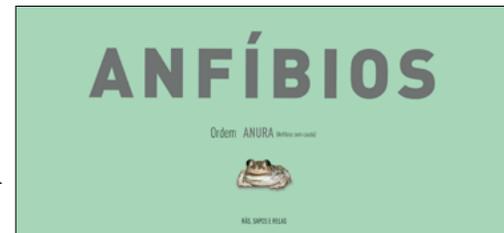
Rã-de-focinho-pontiagudo - 25



Discologossus galganoi - 25



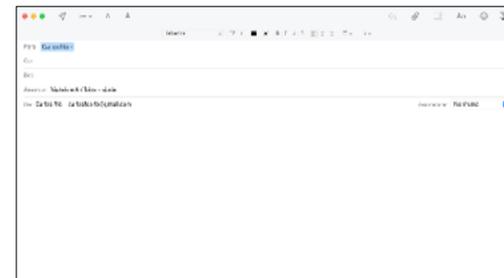
Anfíbios



Carlos Rio



Rui Lemos



Prefácio

Foi com enorme prazer que aceitei o convite de Carlos Rio e Rui Lemos para escrever o prefácio de mais um guia, desta feita do Guia de Campo Fotográfico: Répteis e Anfíbios do Parque Natural do Litoral Norte. Carlos Rio e Rui Lemos são o tipo de fotógrafos que passam horas no campo à procura de conhecer mais sobre as espécies que se podem observar nos diversos locais, e fizeram do Parque Natural do Litoral Norte o seu local de eleição para fotografar e apresentar-nos com magníficas fotografias. Agora decidiram colocar toda essa informação neste guia.

O Parque Natural do Litoral Norte é um espaço único que se estende ao longo de 16 quilómetros de costa. O parque engloba tanto uma extensão terrestre como uma extensão marinha, e apresenta diversos habitats, desde estuários, zonas agrícolas, florestas e ainda um extenso cordão dunar.

Esta é uma obra de divulgação para o público em geral, os autores não pretendem escrever de forma exaustiva o conhecimento que existe sobre cada espécie, mas sim apresentar de forma sucinta os aspetos mais importantes de cada anfíbio e réptil que conseguiram observar e fotografar neste que se pode considerar o seu espaço natural.

A biodiversidade está nas bocas do mundo nos dias que correm. Durante anos a conservação foi negligenciada e ignorada, mas com a problemática das alterações climáticas a dominar as redes sociais, surgiu uma nova vertente preocupada com a conservação da biodiversidade por todo o mundo. Os animais deixaram de ser os que vemos apenas na televisão aos fins-de-semana e passaram a ser os animais selvagens que podemos observar em passeios, atividades, workshops ou até mesmo nos nossos quintais. As redes sociais também ajudaram a impulsionar esta nova tendência, ao permitir que fotógrafos partilhassem as suas fotografias com todo o mundo. E conseguiram despertar o interesse pela conservação em pessoas que pouco ou nada conhecem sobre a nossa fauna. Foi isso que os autores conseguiram com mais esta magnífica obra, despertar o interesse por um grupo de espécies pouco conhecida do público em geral.

Os répteis e anfíbios são dos grupos mais misteriosos para o público em geral, e o que despertou uma maior quantidade de mitos ao longo dos anos. Em grande parte, devido ao total desconhecimento que existia sobre

as nossas espécies. Ainda hoje é complicado desmistificar alguns deles, com as pessoas a acreditar no que lhes contaram quando ainda eram crianças, altura em que o conhecimento sobre estas espécies e o acesso ao mesmo era quase inexistente. Estes pormenores levaram a uma maior pressão e perseguição sobre as espécies de répteis e anfíbios, esta obra pretende servir de ponte entre o conhecimento científico e o público em geral, mas também como forma de combater alguns problemas que ainda persistem na região do PNLN.

As fotografias utilizadas pelos autores mostram a beleza destes animais em todo o seu esplendor, sendo perfeitas para fazer a correta identificação das espécies quando estamos no campo. E sendo uma versão eBook não temos de carregar com um livro na mochila ou no bolso das calças (os que cabem), bastando para isso levar apenas o eBook no seu telemóvel ou tablet. Os autores tiveram ainda cuidado em mostrar as diferenças entre adultos e juvenis, nas espécies em que as diferenças podem provocar alguma confusão. Existem várias informações no guia que são extremamente úteis, como os melhores locais para encontrar cada uma das espécies dentro dos limites do PNLN, a sua dieta e o seu estatuto de conservação. A destacar a rã-de-focinho-pontiagudo uma espécie com um estatuto de quase ameaçado (NT) que se encontra presente neste Parque Natural.

Nesta obra ficamos a conhecer 24 espécies de vários grupos diferentes, desde lagartixas, a cobras, a sapos, rãs e relas, que podemos procurar e observar dentro dos limites do PNLN. Fica lançado o desafio a todos os leitores a visitarem e procurarem encontrar todas estas espécies, num Parque Natural que possui todos os atrativos para um passeio recheado de boas observações.

Diogo Oliveira
Biólogo, Mestre em Biologia da Conservação



A importancia do PNLN para os Répteis e Anfíbios

Dende tempos antigos, os anfíbios e reptís, son o grupo de fauna menos coñecido e con mais mala prensa en xeral, tanto en divulgacións medio ambientais como nas relacións directas dos humanos hacia eles.

Este libro, non ven a presentar so unha revisión fotográfica, da abundante e interesante comunidade de Anfíbios e Reptís do Parque Litoral Norte, se trata de algo máis importante, de unha gota de auga nun oasis, a oportunidade de chegar este apaixonante parte da natureza a todos os públicos, soamente coñecendo estes seres, aprenderemos a respecta-los e valoralos.

Animais que son tratados de forma inxusta, aquí e onde entra o meu amigo Rui Lemos, un deses locos, que profesan admiración e preocupación por eles, e po-la natureza no seu conxunto.

Nas miñas viaxes a esta franxa Atlántica do Portugal Norte, un vai vendo que a situación de eles no medio, e cada vez máis delicada, xa non po-las mortes directas relacionadas con humanos, senon po-la terrible destrución dos seus hábitats, a matorrais arrancandos, humedais tapados ou colonización de especies non autóctonas, se pode unir unha larga lista de problemas medio-ambientais, todo esto po-la ignorancia da xente e a deixadez das autoridades en temas de natureza, esto antes citado e a principal causa da diminución da biodiversidade global, e esta rica zona do litoral do norte de Portugal, non e allea a esta problemática.

A pesar de ser unha zona norteña e non de moita influencia mediterránea, existen especies moi intresantes para a zona, coma por exemplo Salamandra de costelas saintes ou o Sapo de uña negra, con poboacións escasas e residuais ou especies térmicas como a Cobra rateira, e todo isto nunha zona relativamente fresca, pola proximidade do Atlántico, con especies máis típicas do norte, convidando con elas como o caso do Tritao palmado o anfibio máis escaso de Portugal, e un endemismo do litoral de Lusitania, como o Sapiño moteado.

A lista abrangue un total de 24 especies, son moitas para unha zona relativamente pequena, que ten na clave de esta variedade, na diversidade de hábitats, por citar algúns, podemos atopar os areas costeiros, a zonas de fincas de cultivo, matorrais baixos, charcas temporais, ribeiras ou muros de pedras, todo isto fai que a cantidade de nichos

ecoloxicos sexa moi diversa para as especies, e podan convivir especies que en teoría son de hábitats e climas moi diferenciados.

Este libro e o fruto dun intenso traballo de prospección, dedicación e divulgación que fai Rui Lemos e Carlos Rio, apoiado por unhas excelentes fotografías, onde se pode ver con outros ollos, os ollos da vida, as maravillosas formas e cores destas especies que conviven ocultas entre nos, que nas noites de verán nunca se deixe de escoitar o canto do sapo parteiro, que as ras verdes alegren cos seus coros as charcas, que os altivos sardaos den a nota de cor nos muros ou que nos quedemos hipnotizados coa maxia dos movementos das cobras!

En parte depende un pouco de cada un de nos, disfrutade de este libro, tanto como o disfruto eu de el, COMPARTIR, DIVULGAR, e CONSERVAR e nos fai un pouco mellor persoas.

Rafael Vazquez Graña

Naturalista Galego, especialista em répteis e anfíbios da Península Ibérica



“Dar a conhecer para preservar”

No Outono de 1977 uma equipa do NPEPVS (Núcleo Português de Estudo e Proteção da Vida Selvagem) fez uma prospeção dos sítios de interesse zoológico do litoral Norte, da Barrinha de Esmoriz à foz do Rio Minho, tendo sido os resultados publicados no jornal “O Lavrador” (Comércio do Porto), no número de 15/10/1979 e seguintes.

Numa época em que pouco se sabia sobre a fauna e flora (o termo “biodiversidade” só viria a ser criado em 1985), esta “expedição” revelou logo a importância do litoral Norte, nomeadamente para os répteis e anfíbios, grupo que sempre foi “mal amado”, como os autores referem neste livro.

Domingos Vandelli, em 1787, Barboza du Bocage, em 1862, Eduardo Bosca, em 1877 e Manuel Paulino de Oliveira, em 1896 foram pioneiros em Portugal na publicação de obras sobre este grupo zoológico.

Nessa prospeção de 1977 surpreendeu-nos, por exemplo, a abundância de Salamandra-de-costelas-salientes (Pleurodeles waltl) na zona da Lagoa da Apúlia (Esposende), - relíquia de um extenso sistema lagunar que ocupou a região no Holoceno Superior (entre 3 500 e 500 a.C.) - e na Aguçadoura (Póvoa de Varzim), o que não é estranho devido aos charcos temporários, valas de drenagem, poços e outras formações hídricas que ainda hoje ali existem.

Esta espécie, que Paulino de Oliveira designa Triton Walttii, foi dedicada por Karl Michahelles, em 1830, ao jovem naturalista alemão Joseph Waltl que a colheu em Espanha.

O Carlos Rio e o Rui Lemos, conceituados naturalistas e fotógrafos de natureza, fizeram um aturado levantamento da situação atual dos répteis e anfíbios no Parque Natural do Litoral Norte (PNLN) e publicam agora o valioso guia “Répteis e Anfíbios do Parque Natural do Litoral Norte” que ilustraram com excelentes fotografias que facilitam a identificação das espécies, mesmo por amadores.

Ao fazerem esta edição estão a valorizar o PNLN e, como eles escrevem, a “Dar a conhecer para preservar”. Não podia pois, a FAPAS – Associação Portuguesa para a Conservação da Biodiversidade deixar de se associar e congratular por mais esta obra, que se junta ao guia das “Aves do Parque Natural do Litoral Norte”, da autoria do Carlos Rio, publicado no ano passado.

Março de 2021

Nuno Gomes Oliveira
Biólogo, Presidente da Direção da FAPAS



Parque Natural do Litoral Norte

O Parque Natural do Litoral Norte incorpora uma diversidade muito relevante de habitats naturais costeiros e estuarinos, os quais albergam uma grande variedade de espécies de fauna e flora. Neste contexto a Herpetofauna assume uma especial relevância e importância, encontrando-se nesta Área Protegida uma variedade notável de Répteis e Anfíbios.

A divulgação dos valores naturais é uma peça essencial numa estratégia de sensibilização e educação ambiental que tem como fim último o envolvimento da sociedade civil na preservação da biodiversidade. O envolvimento dos cidadãos na produção e divulgação de informação técnica e cientificamente consistente, que catalise o reconhecimento por parte de vastas franjas da sociedade da importância da conservação da natureza, é um ponto-chave em qualquer política de conservação da natureza.

Este Guia surge num momento em que a atenção para com a perda da biodiversidade é maior do que nunca. Há uma compreensão crescente de que a degradação da natureza é um indicador óbvio de insustentabilidade e que tem consequências negativas enormes para a viabilidade social e económica que depende dela e dos seus serviços, pelo que o mérito da sua publicação é ainda mais acrescido.

Espero e desejo que este Guia ajude a compreender a importância dos Répteis e Anfíbios no PNLN e contribua para a apreciação e conservação dos nossos valores naturais.

Duarte Figueiredo

Diretor do Departamento Regional de Conservação da Natureza e da Biodiversidade

Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas, IP

Direção Regional de Conservação da Natureza e Florestas do Norte



Nota dos autores

Já lá vão muitos anos que nos conhecemos e que andamos “metidos” na fotografia de natureza! Por coincidência de pensamento acerca deste mundo ligado à fotografia do mundo natural, percebemos com o tempo que a ambos, mais do que a fotografia enquanto manifestação de arte, é a fotografia divulgadora, objectiva e pedagógica, que nos atrai nesta actividade!

Obviamente que temos sempre a consciência que uma bela imagem vale mais do que mil palavras e, por vezes, atrevemo-nos a experimentar abordagens que vão para além da objectividade que queremos com as nossas fotografias, mas o foco é, e será sempre, dar prioridade à fotografia documental para “Dar a conhecer para preservar” da forma o mais directa e clara possível.

É com este pensamento que nasce a ideia da criação deste guia fotográfico. Não queremos com este trabalho criar um instrumento científico, não somos cientistas, somos apenas modestos fotógrafos que amam o mundo natural e sem pretensões a substituir os cientistas que efectivamente andam no campo a estudar.

Pensamos, porque contactamos com as populações, que há muito a fazer no sentido de se tentar acabar com mitos, histórias e mentiras que se contam acerca dos répteis e anfíbios e que são responsáveis ainda hoje por muitos comportamentos inadmissíveis!

Por outro lado também percebemos que há muita falta de conhecimento de quem anda no campo a fazer observação da fauna ou a fazer fotografia de natureza, uns mais principiantes outros mais experientes. Por isso entendemos complementar as nossas fotografias de répteis e anfíbios fotografados na área do PNLN com a nossa experiência de muitos anos de estudo no campo, juntar alguma informação validada por gente da ciência e criar este guia fotográfico de campo na esperança que sirva de ferramenta e que ajude a identificar e conhecer melhor estes belos animais. Por outro lado também pensamos ser informação que está em falta no que ao Parque Natural do Litoral Norte diz respeito.



Só publicamos espécies que foram efectivamente fotografadas e observadas por nós, responsabilizando-nos assim pela confirmação dessas espécies na área do Parque e pelas localizações assinaladas. Dos 51 répteis e anfíbios que ocorrem no País, apresentamos neste guia 24 que comprovadamente os autores confirmam no PNLN, não significando que não possam ocorrer outras espécies, mesmo não sendo do conhecimento dos autores e da ciência não ter confirmado outras espécies no PNLN.

A opção pelo formato electrónico tem a ver com a facilidade de manuseamento quando se anda no campo: funciona em qualquer smartphone, em termos de pegada ecológica evita o uso de papel e tintas, a sua interactividade permite aceder directamente a informação complementar e, inclusivé, entrar em contacto com os autores deste eBook para esclarecerem dúvidas e obter respostas praticamente no momento.

Esperamos que este guia seja uma ferramenta que forneça conhecimento, ajude a mudar mentalidades acerca destes animais e a fazer perder o medo irracional que ainda prevalece. Todas as 21 espécies por nós confirmadas no Parque Natural do Litoral Norte, **são inofensivas para o Homem.**

Carlos Rio e Rui Lemos

Não queremos que este Guia se fique pelas imagens e as informações dadas. Ligando o seu telemóvel à Internet e clicando nos nomes de qualquer um dos autores, imediatamente o seu aplicativo de e-mail abrirá, já endereçado e com o assunto, pronto para que coloque alguma questão, faça um pedido de ajuda, uma crítica ou sugestão, recebendo resposta rapidamente.

 [Carlos Rio](#)  [Rui Lemos](#) 



Parque Natural do Litoral Norte



Locais de observação



Estuário do Rio Neiva



Área dunar e agrícola de Belinho



Área dunar e agrícola de Mar



Margem direita do Cávado a jusante da ponte



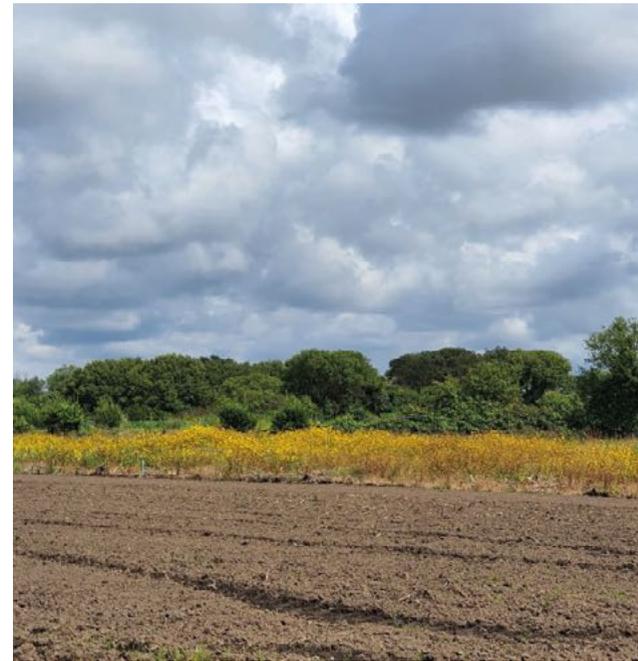
Área florestal e agrícola, Fão e Apúlia



Lagoa de Apúlia



Praia da Ramalha, zona húmida, Apúlia



Zona agrícola e floresta, Apúlia





Apresentação taxonómica

A distribuição das espécies no guia é apresentada da seguinte forma:

Classe
Ordem
Família

Para facilitar a pesquisa é atribuída uma cor específica a cada Ordem.

Anfíbios

 Caudata



 Anura



Répteis

 Sauria



 Serpentes



Índice nomes comuns

ANFÍBIOS

- Rã-de-focinho-pontiagudo - 28
Rã-verde - 40
Rela-comum - 38
Salamandra-de-costelas-salientes - 15
Salamandra-de-pintas-amarelas - 17
Sapo-comum - 34
Sapo-corredor - 36
Sapo-parteiro - 26
Sapo-de-unha-negra - 30
Sapinho-de-verrugas-verdes-lusitano - 32
Tritão-de-patas-espalmadas - 21
Tritão-de-ventre-laranja - 19
Tritão-marmorado - 24

RÉPTEIS

- Cobra-de-água-collar-mediterrânica - 62
Cobra-de-água-viperina - 60
Cobra-de-escada - 58
Cobra-lisa-meridional - 56
Cobra-rateira - 64
Fura-pastos - 43
Lagartixa-de-bocage - 51
Lagartixa-do-mato-comum - 53
Lagarto-de-água - 49
Licranço - 45
Sardão - 47

Índice dos nomes científicos

ANFÍBIOS

- Alytes obstetricans* - 26
Bufo spinosus - 34
Discoglossus galganoi - 28
Epidalea calamita - 36
Hylla molleri - 38
Lissotriton boscai - 19
Lissotriton helveticus - 21
Pelobates cultripipes - 30
Pelodytes atlanticus - 32
Pelophylax perezii - 40
Pleurodeles waltli - 15
Salamandra salamandra - 17
Triturus marmoratus - 23

RÉPTEIS

- Anguis fragilis* - 45
Chalcides stiiatus - 43
Coronella girondica - 56
Lacerta schreiberi - 49
Malpolon monspessulanus - 64
Natrix astreptophora - 62
Natrix maura - 60
Podarcis bocagei - 51
Psammotromus algerius - 53
Rhinechis scalaris - 58
Timon lepidus - 47

ANFÍBIOS

Ordem **CAUDATA** (Anfíbios com cauda)

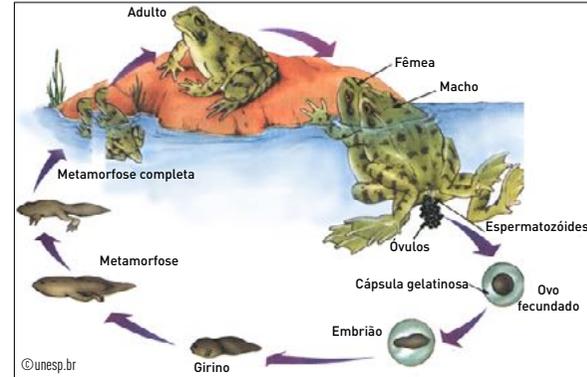


SALAMANDRAS E TRITÕES

Girinos, o princípio...



CR



CR

Os anfíbios começam a sua vida no meio aquático sob a forma de girinos. Ao fim de algum tempo, que varia de espécie para espécie, o girino vai sofrer uma metamorfose e transformar-se num indivíduo adulto. A identificação das larvas pode ser um processo complicado.

Há espécies que passam por esta fase em charcos temporários que se criam após chuvadas e, para aumentarem a possibilidade de chegarem à fase adulta, as posturas são de milhares de ovos e consequentemente são milhares de girinos que, quando a água começa a desaparecer, parecem transformar o charco numa massa viva!

A poluição é a principal causa de morte das larvas, sendo por isso fundamental manter estes ecossistemas limpos! É importante manter os charcos limpos e, se possível, criar charcos com a devida informação técnica para que estes animais se possam reproduzir e desenvolver.



Salamandra-de-costelas-salientes (*Pleurodeles waltl*)

 Gallipato

 Iberian ribbed newt



TAXONOMIA

Amphibia

CAUDATA

Salamandridae

ESPÉCIE PROTEGIDA

Convenção de Berna

ESTATUTO DE CONSERVAÇÃO

LC - Pouco Preocupante

Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal

REPRODUÇÃO

J F M A M J J A S O N D



Esta salamandra de aspecto curioso é o maior urodelo (anfíbio com cauda) da Península Ibérica, pode chegar aos 30 cm de comprimento.

Ao longo do seu corpo, nos flancos, exibe umas protuberâncias de cor alaranjada ou amarelada, que podem ir de 7 a 9, e coincidem com os extremos das costelas. Para sua defesa arqueia o corpo e pode fazer projectar as pontas das costelas através dessas protuberâncias!

É uma espécie de hábitos aquáticos, passando o dia debaixo de água vindo à superfície apenas para respirar, tornando-se activa maioritariamente à noite ou no crepúsculo.

Pode ser encontrada por vezes em terra debaixo de pedras ou troncos.

Quando os locais onde vive secam ou começam a secar, parte à procura de novos charcos ou outras massas de água mais parada como prefere.

Têm uma incrível resistência a águas menos limpas ou mais contaminadas!

É inofensiva para o Homem.



OUTROS NOMES COMUNS

Pleurodelo, Salamântiga, Galipato,
Salamandra-dos-poços



LONGEVIDADE

Até 10 anos na natureza
Até 20 anos em cativeiro

ALIMENTAÇÃO

Larvas de insectos aquáticos,
larvas de anfíbios, minhocas,
pequenos peixes, moluscos

DIMENSÕES

15 a 25 cm

Vive em locais aquáticos muito diversos, muitas das vezes em águas menos limpas e paradas: poços, tanques, cisternas, charcos, represas agrícolas...
A envolvente terrestre é marcadamente de tipo mediterrânico, como os matagais, as zonas abertas, os montados, as áreas agrícolas, entre outros.

O seu território estende-se do norte de Marrocos até toda a zona Ibérica com influência mediterrânica.

Em Portugal ocupa toda a região sul até ao Ribatejo, bifurcando para Norte com uma faixa de ocupação interior, encostada a Espanha, até o nordeste transmontano, e com uma faixa litoral que tem como limite norte o PNLN. Esta presença não é homogénea em termos de ocupação de território, nestas faixas vão-se encontrando populações dispersas.

No PNLN há duas áreas onde se avista com relativa facilidade esta espécie, sobretudo em noites após chuvadas de Outono até à Primavera!

A primeira das áreas são as zonas húmidas intradunares de Belinho e alguns terrenos mais húmidos próximos e a outra zona, mais rica até, é a mata de folhosas e pinhal entre Fão e Apúlia, onde em certos caminhos e poços se observam alguns indivíduos!



Esta é a "expressão" da Salamandra-de-costelas-salientes! Mostra um ar pré-histórico!



Nesta fotografia de pormenor percebem-se bem as portuberâncias por onde, em caso de se encontrarem em perigo, podem projectar as pontas das costelas.

Salamandra-de-pintas-amarelas (*Salamandra salamandra*)

 Salamandra común

 Fire salamander



TAXONOMIA

Amphibia

CAUDATA

Salamandridae

ESPÉCIE PROTEGIDA

Convenção de Berna

ESTATUTO DE CONSERVAÇÃO

LC - Pouco Preocupante

Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal

REPRODUÇÃO

J F M A M J J A S O N D



CR

As belas Salamandras-de-pintas-amarelas não põem ovos! Depositam num charco as larvas (20 a 40) já com guelras e é nesse charco que se vai dando a metamorfose até se transformarem em salamandras iguais aos adultos!

Possuem uma ferramenta extraordinária para ser usada, por exemplo, numa altura de seca e portanto sem locais com água onde possam dar à luz as larvas. Nessas alturas as larvas desenvolvem-se no ventre materno passando por toda a fase de metamorfose até que a progenitora dá à luz, embora em menor número, pequeninas salamandras completamente formadas, como se fossem miniaturas dos adultos!

Capazes de se defenderem dos predadores, libertam através da pele, uma substância tóxica denominada samandrina. As glândulas de veneno estão concentradas na zona do pescoço nos dois lados (as parótidas) e na superfície dorsal.

Não sendo aconselhável o manuseamento destes animais, se tiver que ser feito convém que de seguida se passe as mãos por água limpa e, até esse momento, evitar o contacto com as mucosas.

É inofensiva para o Homem.



CR



CR

OUTROS NOMES COMUNS

Salamandra, Salamandra-comum, Salamandra-de-fogo,
Saramela, Saramaganta, Saramântiga



LONGEVIDADE

Até 20 anos na natureza
Até 50 anos em cativeiro

ALIMENTAÇÃO

Invertebrados terrestres

DIMENSÕES

14 a 17 cm

Gostam muito de passeios nocturnos ou a começarem no crepúsculo!
As movimentações à procura de alimento ou no caso das fêmeas à procura de locais com água para darem à luz, são muitas vezes a razão da morte por atropelamento!

No Parque Natural do Litoral Norte pode ser observada em muito locais, com mais facilidade entre o Outono e a Primavera, sobretudo em noites depois de chuvadas.

Nas matas de folhosas e pinheiro entre Fão e Apúlia e nos seus diversos caminhos, é muito fácil a sua observação sobretudo nas noites em que se reúnem determinadas condições meteorológicas, podendo-se assistir às suas movimentações com várias dezenas de indivíduos!

Os charcos intradunares e as zonas húmidas nas regiões dunares e agrícolas de Belinho e Mar também são bons locais para a sua observação.



Nenhum indivíduo é igual a outro! Cada padrão apresentado é como se fosse uma impressão digital, nunca se repete!



Observam-se através destas fotografias as glândulas parótidas bem salientes, devido à acumulação de células secretoras de substâncias tóxicas, nas regiões laterais da cabeça!
Quando incomodadas libertam essas substâncias pela pele na forma de um líquido com aspecto leitoso.

Tritão-de-ventre-laranja (*Lissotriton boscai*)

 Tritón ibérico

 Bosca's newt



TAXONOMIA

Amphibia

CAUDATA

Salamandridae

ESPÉCIE PROTEGIDA

Convenção de Berna

ESTATUTO DE CONSERVAÇÃO

LC - Pouco Preocupante

Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal

REPRODUÇÃO

J F M A M J J A S O N D



RL



Este bonito tritão só ocorre em Portugal, praticamente em todo o seu território continental, e numa parte de Espanha!

Distribui-se por diversos tipos de habitats: florestas temperadas, zonas arbustivas, charcos e lagos de água doce, pauis, terras de cultivo, pequenas ribeiras rurais com muita vegetação aquática, entre outros.

A época de reprodução coincide com a sua fase aquática e nos restantes meses regressa à fase terrestre! Há no entanto uma série de condicionantes que podem alterar este tipo de calendarização da sua vida. Por exemplo, em algumas regiões poderá permanecer na fase aquática durante praticamente todo o ano. Por vezes acontecem períodos de inatividade invernal e estival, refugiando-se no fundo de habitats aquáticos ou debaixo de pedras e troncos. Durante a fase terrestre a sua actividade é essencialmente nocturna!

Do seu comportamento destaca-se a forma como se tenta defender de ataques: arqueia o corpo, vira-se ao contrário e exhibe a cor laranja forte que pinta o seu abdómen!

É inofensivo para o Homem.



RL



RL

OUTROS NOMES COMUNS

Não se conhecem



LONGEVIDADE

♂ 06 anos

♀ 09 anos

ALIMENTAÇÃO

Invertebrados aquático,
minhocas, lesmas

DIMENSÕES

06 a 09 cm

O Parque Natural do Litoral Norte, felizmente, não é exceção ao resto do território nacional continental: o Tritão-de-ventre-laranja ocorre em todo o seu território!

A sul do Cávado, a floresta de folhosas e pinhal ente Fão e Apúlia, a zona da Lagoa de Apúlia, as zonas húmidas próximas da Praia da Ramalha, em Apúlia, as ribeiras que serpenteiam por toda a área agrícola entre Fão e Apúlia, são áreas onde é perfeitamente possível nas melhores condições observar esta espécie.

A norte do Cávado, toda a zona agrícola de Mar até à foz do Neiva, rica em poços, tanques e alguns charcos, zonas húmidas e ribeiras, oferece também condições excelentes para a sua observação.



RL

Tritão-de-patas-espalmadas (*Lissotriton helveticus*)

 Tritón palmeado

 Palmate newt



TAXONOMIA

Amphibia

CAUDATA

Salamandridae

ESPÉCIE PROTEGIDA

Convenção de Berna

ESTATUTO DE CONSERVAÇÃO

LC - Pouco Preocupante

Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal

REPRODUÇÃO

J F M A M J J A S O N D



RL



Este bonito tritão ocorre em Portugal, mas só no quadrante Noroeste do nosso território continental e é dos anfíbios mais raros de Portugal.

O seu nome tem a ver com o facto de o macho na altura de reprodução, para além de uma crista que desenvolve no dorso até à cauda, desenvolve também uma membrana interdigital nos membros posteriores!

Os seus habitats preferidos são as zonas de floresta, lameiros, áreas agrícolas, as proximidades de lagos, lagoas, albufeiras, charcos temporários ou permanentes e tanques. Adora refugiar-se na vegetação aquática!

É uma espécie nocturna e, em áreas de maior altitude, pode ser completamente aquática, mas nas terras mais baixas é sobretudo terrestre fora da época de reprodução.

Estes animais estivam nos períodos que possam ser muito secos e quentes e normalmente hibernam num estado de dormência em variados locais como por exemplo tocas de animais abandonadas, em baixo de troncos ou pedras!

É inofensivo para o Homem.



RL



RL

OUTROS NOMES COMUNS

Tritão-palmado, Tritão-palmeado



LONGEVIDADE

Até ao 19 anos em cativeiro

ALIMENTAÇÃO

Invertebrados

DIMENSÕES

11 a 16 cm

Esta é mais uma espécie que os autores só observaram numa localização dentro da área do Parque Natural do Litoral Norte. Existem, no entanto, outros locais de características semelhantes onde pode ocorrer.

Um pequeno ribeiro que atravessa uma zona agrícola que fica dentro da floresta de folhosas e pinhal entre Fão e Apúlia, foi o local onde foi observado, mas em toda a área envolvente existem outros ribeiros com fortes possibilidades para a sua observação.



RL

Tritão-marmorado (*Triturus marmoratus*)

 Tritón jaspeado

 Marbled newt



TAXONOMIA

Amphibia

CAUDATA

Salamandridae

ESPÉCIE PROTEGIDA

Convenção de Berna

Directiva Habitats

ESTATUTO DE CONSERVAÇÃO

LC - Pouco Preocupante

Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal

REPRODUÇÃO

J F M A M J J A S O N D



CR



O Tritão-marmorado é o maior de todos os tritões que ocorre no nosso país!

Na época reprodutiva, a sua fase aquática, tem actividade diurna e pode ser observado nos seus habitats, dentro de água, em charcos, tanques, ribeiros e lagoas

Fora da época reprodutiva a sua actividade é terrestre e essencialmente nocturna.

Como defesa segrega uma substância tóxica que liberta pela pele. Em caso de necessidade de manuseamento deve-se passar as mãos por água limpa após esse período.

É totalmente inofensivo para o homem.

O uso intensivo de pesticidas e outros agentes químicos na agricultura é muito prejudicial para as populações destes e doutros anfíbios.

É inofensivo para o Homem.



RL



CR

OUTROS NOMES COMUNS

Tritão-verde, Tritão-marmorado



LONGEVIDADE

Até aos 10 anos na natureza
Até aos 25 anos em cativeiro

ALIMENTAÇÃO

Invertebrados, minhocas,
lesmas, caracóis

DIMENSÕES

13 a 16 cm

Como é uma espécie muito flexível em termos ecológicos, pode ser encontrado num grande número de ambientes diferentes desde que estes estejam próximos de pontos de água com dimensões suficientes para a sua sobrevivência.

Assim, vive em charcos, tanques, poços, lagoas, rios de pequeno caudal e todas as ribeiras que percorrem a área do Parque Natural.

Há, no entanto, algumas ribeiras específicas onde se encontram com mais facilidade na mata de folhosas e pinhal entre Fão e Apúlia.

A Lagoa de Apúlia e as ribeiras próximas são bons locais para se observar o Tritão-marmorado.

A área próxima da foz da Ribeira do Peralta, nas Marinhas, também é um bom spot para a sua observação!

As áreas agrícolas de Mar e Belinho, com os seus tanques, charcos e ribeiras estão também assinalados como bons locais para este anfíbio viver.



RL

Estas duas fotografias mostram a crista que se desenvolve nos machos durante o período de reprodução!



RL



ANFÍBIOS

Ordem **ANURA** (Anfíbios sem cauda)



RÃS, SAPOS E RELAS

Sapo-parteiro-comum (*Alytes obstetricans*)

-  Sapo partero común
-  Common midwife toad



TAXONOMIA

Amphibia
ANURA
Discoglossidae

ESPÉCIE PROTEGIDA

Convenção de Berna
Directiva Habitats

ESTATUTO DE CONSERVAÇÃO

LC - Pouco Preocupante
Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal

REPRODUÇÃO

J F M A M J J A S O N D

26



RL

É um sapo relativamente pequeno e que canta quase como uma flauta!

O macho carrega os ovos envoltos numa massa gelatinosa até ficarem maduros o suficiente para os largar num charco.

Pode viver numa grande diversidade de habitats normalmente associados a massas de água permanentes. Essa multiplicidade de habitats inclui áreas montanhosas, campos agrícolas, prados, bosques e até parques de cidade ou jardins em zonas urbanizadas.

Dados os seus hábitos é mais fácil de observar à noite, enquanto que durante o dia abriga-se normalmente por baixo de pedras largas ou troncos. Há, no entanto, alturas em que pode ser activo durante o dia: dias bastante húmidos ou nebulados!

Como tem uma grande resistência à secura que lhe permite afastar-se bastante do meio aquático, passa a maior parte da sua vida em meio terrestre. Não consegue resistir a temperaturas muito baixas nem muito elevadas, por isso usa uma estratégia que lhe permite hibernar em zonas de maior altitude, mais frias, e estar em zonas mais quentes.



É inofensivo para o Homem.



RL



RL

OUTROS NOMES COMUNS

Sapo-pintado, Sapo-parteiro



LONGEVIDADE

5 aos 8 anos

ALIMENTAÇÃO

Invertebrados

DIMENSÕES

04 a 06 cm

Apesar das suspeitas de ocorrerem em mais áreas do PNLN, só há duas localizações onde os autores já observaram e fotografaram esta espécie:
A zona dunar e agrícola de Belinho e em áreas agrícolas na floresta de folhosas e pinhal entre Fão e Apúlia.



RL

Nestas duas fotografias vêm-se duas apresentações cromáticas que efectivamente podem ser diferentes de indivíduo para indivíduo.



RL



Rã-de-focinho-pontiagudo (*Discoglossus galganoi*)

-  Sapillo pintojo ibérico
-  West Iberian painted frog



TAXONOMIA

Amphibia
ANURA
Discoglossidae

ESPÉCIE PROTEGIDA

Convenção de Berna
Directiva Habitats

ESTATUTO DE CONSERVAÇÃO

NT - Quase Ameaçado
Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal

REPRODUÇÃO

J F M A M J J A S O N D

28



CR



A sua actividade é predominantemente crepuscular e nocturna, mas nos dias muito húmidos ou chuvosos também se encontra activa durante o dia.

Esta espécie encontra-se activa no Outono até ao final da Primavera, embora nos períodos mais frios ou secos, possa diminuir francamente essa actividade.

Pode ser observada em terrenos encharcados por chuvas abundantes e nas linhas de escorrência de água. Também podem ser avistadas a atravessar as estradas e os caminhos durante as noites muito chuvosas.

Ocorre numa grande diversidade de habitats, normalmente próximo de pequenas massas de água com cobertura vegetal, preferindo terrenos encharcados como lameiros ou brejos.

Pode-se reproduzir em charcos, poças temporárias, ribeiros, canais de rega e até em lagoas costeiras já que é tolerante a águas salobras!

É inofensiva para o Homem.



RL



CR

OUTROS NOMES COMUNS

Sapo-de-focinho-pontiagudo, Discoglossos



LONGEVIDADE

Até aos 10 anos

ALIMENTAÇÃO

Invertebrados, caracóis, lesmas, minhocas, juvenis da própria espécie

DIMENSÕES

4,5 a 6,5 cm

Esta espécie ocorre praticamente em todo o continente Português embora de forma fragmentada.

No Parque Natural algumas zonas húmidas e caminhos da mata de folhosas e pinhal entre Fão e Apúlia, são os locais onde têm sido mais avistados.

No entanto estão também assinaladas outras observações na zona húmida junto à Praia da Ramalha, em Apúlia e na zona dunar de Belinho.

O estuário do Neiva também é frequentado por esta espécie.



Apesar do seu aspecto ser o de uma rã, na realidade é um sapo! No entanto o seu nome comum original ainda é usado.



Sapo-de-unha-negra (*Pelobates cultripes*)

-  Sapo de espuelas
-  Western spadefoot



TAXONOMIA

Amphibia
ANURA
Pelobatidae

ESPÉCIE PROTEGIDA

Convenção de Berna
Directiva Habitats

ESTATUTO DE CONSERVAÇÃO

LC - Pouco Preocupante
Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal

REPRODUÇÃO

J F M A M J J A S O N D



RL



Este sapo ocorre no continente português quase em toda a sua extensão, porém, com populações muito fragmentadas.

Tem como curiosidade uma “unha preta” nos membros posteriores que o ajudam a escavar o terreno para se enterrar! É esta particularidade que lhe dá o nome comum.

Em zonas arenosas é capaz de se enterrar muito rapidamente até um metro de profundidade, local onde passa praticamente todo o dia pois a sua actividade é nocturna. Por isso os terrenos onde se possa enterrar, com solo pouco compactado, são os seus preferidos: pinhais, lezírias, pastagens, zonas pantanosas, areias e dunas.

Ocorre nas áreas de terrenos alagadiços, nas margens de charcos temporários, tanques, lagoas, terrenos arenosos, dunas.

É inofensivo para o Homem.



CR



RL

OUTROS NOMES COMUNS

Sapo-de-puas-negras



LONGEVIDADE

Até aos 10 anos

ALIMENTAÇÃO

Insectos, caracóis, lesmas,
minhocas

DIMENSÕES

08 a 10 cm

Na área do Parque Natural o Sapo-de-unha-negra observa-se numa série de locais.

Os pontos mais interessantes são as zonas dunares e praticamente em toda sua extensão ao longo da costa. Há, no entanto, alguns locais nas zonas dunares junto à foz do Neiva, no cordão dunar de Belinho até Mar, na praia da Ramalha em Apúlia, que são particularmente interessantes!

A floresta de folhosas e pinhal entre Fão e Apúlia, os seus caminhos arenosos, a zona agrícola de Apúlia nomeadamente nas masseiras, também são zonas excelentes para a sua observação.

Algumas destas zonas dunares, em certas noites em que se reúnem condições favoráveis, proporcionam um espectáculo extraordinário do mundo natural: os machos, até às centenas, praticamente ao mesmo tempo, começam a desenterrar-se para se deslocarem para o local com água mais próximo e se reunirem para, durante largo período, chamarem as fêmeas e tratarem do acasalamento!



Os olhos deste sapo são dos mais bonitos de todos os anfíbios!



Sapinho-de-verrugas-verdes-lusitânico (*Pelodytes atlanticus*)

 Sapillo moteado

 Parsley frog



TAXONOMIA

Amphibia

ANURA

Pelodytidae

ESPÉCIE PROTEGIDA

Convenção de Berna

ESTATUTO DE CONSERVAÇÃO

NE - Não Avaliado

Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal

REPRODUÇÃO

J F M A M J J A S O N D

32



RL



Este sapo ocorre no lado atlântico do território continental português e é o primeiro vertebrado não peixe exclusivamente português a ser descrito!

Pequeno e muito vistoso é um dos anfíbios mais bonitos!

Os machos, quando chega o momento da reprodução, desenvolvem uma espécie de calosidades nas patas anteriores, no ventre, coxas e axilas, para agarrar melhor a escorregadia fêmea durante o acasalamento!

Os seus habitats preferenciais são charnecas, terrenos alagadiços, margens de charcos, pequenas albufeiras, riachos temporários. Tanques também podem ser colonizados pela espécie. Por vezes também aperecem em poços, minas e grutas e outras estruturas desenvolvidas em profundidade!

É inofensivo para o Homem.



CR



RL

OUTROS NOMES COMUNS

Sapo-de-verrugas-verdes,
Sapo-de-verrugas-verdes-atlântico



LONGEVIDADE

07 a 10 anos

ALIMENTAÇÃO

Invertebrados

DIMENSÕES

3,5 a 4,5 cm

Na área do Parque Natural este sapinho não foi observado em muito locais.

As zonas rurais de Belinho e Mar próximo dos tanques, poços e charcos e a floresta de folhosas e pinhal entre Fão e Apúlia na proximidade de charcos mais rasos e dos poços, são alguns dos locais onde a sua observação já foi feita.

É natural que ocorra noutros locais do PNLN, mas os autores só validam a informação por eles confirmada.

A noite é a melhor altura para os observar!



RL

Parecem pequenos bonecos de borracha, com os seus 5 cm e os diferentes tipos de tons esverdeados!



CR



Sapo-comum-ibérico (*Bufo spinosus*)

 Sapo común

 Iberian Common toad



TAXONOMIA

Amphibia
ANURA
Bufonidae

ESPÉCIE PROTEGIDA

Convenção de Berna
Directiva Habitats

ESTATUTO DE CONSERVAÇÃO

LC - Pouco Preocupante
Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal

REPRODUÇÃO

J F M A M J J A S O N D



RL

No nosso país encontra-se de norte a sul e ainda é abundante apesar de algum declínio. Nas zonas mais secas do sul é mais raro.

Infelizmente todos os anos morrem muitos sapos nas nossas estradas, vítimas de atropelamento, sobretudo na época de reprodução, pois é nessa altura que os sapos se deslocam para as zonas de água, muitas vezes em grande número a fazer o mesmo caminho. É curioso que, nesses movimentos, eles procuram a mesma massa de água onde nasceram!

Vive numa grande diversidade de habitats, desde zonas húmidas a secas, abertas ou com vegetação densa. Também não é muito esquisito e vive próximo de áreas habitadas, em meios naturais ou cultivados. Escondem-se debaixo de pedras, troncos velhos, raízes.

Os adultos têm hábitos terrestres excepto durante a época de reprodução.

É inofensiva para o Homem.



CR



CR



OUTROS NOMES COMUNS

Sapo-alcandarês, Amigo-de-hortelão,
Sapo-espinhoso



LONGEVIDADE

10 a 12 anos

ALIMENTAÇÃO

Invertebrados, lesmas,
caracóis, outros anfíbios

DIMENSÕES

Até 21 cm

Na área do Parque Natural o Sapo-comum é observado em toda a sua extensão numa grande variedade de habitats.

Embora a sua actividade seja sobretudo crepuscular e nocturna, também se observa durante o dia, sobretudo quando o tempo está húmido e durante a época de reprodução.

Apesar de em muitas regiões permanecerem activos durante todo o Inverno, há zonas mais frias onde podem apresentar um período de repouso Invernal. No PNLN todos os Invernos se observam.



RL

É um sapo de uma grande utilidade para o controlo de pragas e, no entanto, ainda está sujeito a perseguições baseadas em mitos e mentiras.



RL

Na fotografia à esquerda vemos o amplexo do Sapo-comum-ibérico (abraço que é dado pelo macho segurando a fêmea até esta pôr os ovos que ele, então, fertiliza). Também se percebe bem a diferença de tamanho entre os dois! Neste caso particular a fêmea tem quase o dobro do tamanho do macho. Por vezes o amplexo pode durar dias o que significa que a fêmea terá que carregar o macho durante todo esse tempo.



Sapo-corredor (*Epidaleia calamita*)

-  Sapo corredor
-  Natterjack toad



TAXONOMIA
Amphibia
ANURA
Bufonidae

ESPÉCIE PROTEGIDA
Convenção de Berna
Directiva Habitats

ESTATUTO DE CONSERVAÇÃO
LC - Pouco Preocupante
Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal

REPRODUÇÃO
J F M A M J J A S O N D



RL

Esta espécie estende-se por uma área de distribuição que vai da Península Ibérica até à Europa Central e Oriental! Em Portugal ocorre em todo o território continental.

Gosta de se reproduzir em pequenos charcos temporários e até em poças de água das chuvas! Este comportamento faz com que a mortalidade dos girinos seja enorme, pois este tipo de massas de água normalmente mais rasas podem desaparecer rapidamente impedindo-os de completarem o seu desenvolvimento! Este problema é compensado com posturas que podem chegar aos 4000 ovos!

Tanto habita em areais costeiros como zonas montanhosas, suportando climas mais áridos como os do sul do país, ou mais húmidos como no Gerês!

A sua actividade é essencialmente nocturna e passa o dia escondido debaixo de troncos e pedras e até ocupando tocas de outros animais que foram abandonadas. A sua actividade diurna aumenta na altura da reprodução.

É inofensivo para o Homem.



CR



RL

OUTROS NOMES COMUNS

Bufo-corredor



LONGEVIDADE

Até aos 9 anos

ALIMENTAÇÃO

Invertebrados

DIMENSÕES

Até 05 cm

Pode observar-se em cursos de água, terrenos agrícolas, prados húmidos com ervas altas e charcos temporários, clareiras nos pinhais e zonas dunares!

No PNLN pode ser observado em toda a sua extensão e é frequente vê-lo a atravessar os caminhos rurais com o seu andar estranho, sem saltar, a correr (daí o seu nome comum).

Por vezes podem ser observados muitos indivíduos a deslocar-se em simultâneo logo depois de uma chuvada, e pode acontecer em qualquer época do ano, para irem para o charco do costume tratarem de se reproduzirem. Alguns machos, mesmo depois de se reproduzirem no seu charco, procuram outros charcos para assegurarem de forma mais eficaz a continuidade da espécie e voltarem a reproduzir-se! Estas movimentações são excelentes momentos para a sua observação e ocorrem com alguma frequência na floresta de folhosas e pinheiro entre Apúlia e Fão.

As zonas dunares e agrícolas próximas da foz do Neiva até Mar também são bons locais para a sua observação.



CR

Por vezes apresentam colorações diferentes, mas todas muito bonitas!



RL

O amplexo pode durar algumas horas!

Rela-comum (*Hylla molleri*)

 Ranita de San Antonio

 Common tree frog



TAXONOMIA

Amphibia

ANURA

Hylidae

ESPÉCIE PROTEGIDA

Convenção de Berna

Directiva Habitats

ESTATUTO DE CONSERVAÇÃO

LC - Pouco Preocupante

Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal

REPRODUÇÃO

J F M A M J J A S O N D



RL

Esta pequenina e lustrosa rela, que gosta de aproveitar os pequenos discos adesivos que tem nas patas para trepar, ocorre em Portugal continental com excepção do interior Alentejano e no Algarve.

Têm hábitos trepadores encontrando-se frequentemente em ramos, folhas de árvores ou arbustos, caniços e juncos, tornando-se muito difíceis de ver! Aliás são mais facilmente descobertas pelo som do que pelo avistamento!

Gostam de habitats ricos em vegetação e relativamente húmidos, encontrando-se em zonas encharcadas, pântanos, lagoas, caniçais, arrozais, prados e outros habitats semelhantes.

Segrega uma substância pela pele que, para além de lhe dar este ar "encerado", é tóxico e provoca o vômito nos predadores que as capturam! **É inofensiva para o Homem.** Havendo necessidade de manuseamento, enquanto não se passar as mãos por água limpa, não tocar com as mãos nas mucosas ou em feridas pois pode provocar alguma ardência.

É inofensiva para o Homem.



CR



RL

OUTROS NOMES COMUNS

Rela-ibérica



LONGEVIDADE

Até aos 5 anos

ALIMENTAÇÃO

Invertebrados

DIMENSÕES

Até 05 cm

Na área do Parque Natural a pequena Rela-comum não é de fácil observação!

Os autores apenas podem confirmar a sua observação em dois locais, não querendo de qualquer forma afirmar que não possa ser observada noutros locais.

Os dois locais confirmados ficam um a Norte do Cávado e outro a Sul. O primeiro é uma zona húmida junto ao cordão dunar na zona agrícola de Belinho. O segundo fica numa zona húmida que já foi uma lagoa e depois aterrada, na zona de pinhal entre Fão e Apúlia.



RL

As Relas podem apresentar diferentes variações cromáticas, estas duas fotografias mostram uma com o tom verde mais comum e a outra num tom mais acastanhado!



CR

Rã-verde (*Pelophylax perezi*)

 Rana común

 Green frog



TAXONOMIA

Amphibia

ANURA

Ranidae

ESPÉCIE PROTEGIDA

Convenção de Berna

Directiva Habitats

ESTATUTO DE CONSERVAÇÃO

LC - Pouco Preocupante

Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal

REPRODUÇÃO

J F M A M J J A S O N D



CR

Este deve ser o anfíbio mais conhecido da generalidade das pessoas e que ocorre em todo o território nacional inclusive, de forma introduzida, nos arquipélagos da Madeira e dos Açores!

Apesar do nome apelar à cor verde, na realidade, pode apresentar tonalidades diferentes que podem levar a confundir com outras espécies de rãs. (Fotos à direita)

Têm actividade nocturna e diurna, adoram locais com boa exposição solar e observam-se com muita facilidade nas margens de rios, ribeiras, albufeiras e charcos!

Passa a maior parte da sua vida na água e está associada praticamente a todo o tipo de meios aquáticos, sejam eles naturais ou artificiais e tem actividade diurna!

Na altura do acasalamento os machos dão autênticos concertos musicais quando, em coro, chamam pelas fêmeas!

É inofensiva para o Homem.



RL



CR



OUTROS NOMES COMUNS

Rã-verde-ibérica, Rã-comum,
Rã-dos-poços



LONGEVIDADE

Até aos 6 anos

ALIMENTAÇÃO

Invertebrados, pequenos peixes
e anfíbios

DIMENSÕES

Até 08 cm

Esta é uma espécie sobre a qual não haverá a necessidade de muita precisão sobre os locais onde poderá ser observada.

Ao longo de toda a área do PNLN há ambientes aquáticos naturais ou artificiais onde se pode encontrar a Rã-verde!

Elas fazem-se notar ou pelo som do coaxar dos machos, ou, como estão muitas vezes nas margens, vão saltando para a água à medida que nos deslocamos e chamam a atenção por isso mesmo.



CR

A água é o seu porto seguro, o seu lugar de caça, de reprodução... Por isso não é muito comum observá-la em terrenos afastados da água!



RL



RÉPTÉIS

Ordem Sauria



LICRANÇOS, FURA PASTOS, LAGARTOS

Fura-pastos (*Chalcides striatus*)

🇪🇸 Eslizón tridáctilo

🇬🇧 Three-toed skink



TAXONOMIA

Amphibia

SAURIA

Scincidae

ESPÉCIE PROTEGIDA

Convenção de Berna

ESTATUTO DE CONSERVAÇÃO

LC - Pouco Preocupante

Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal

REPRODUÇÃO

J F M A M J J A S O N D

43



RL



Este réptil é erradamente confundido com uma serpente! Trata-se, na verdade, de um lagarto de corpo cilíndrico, alongado e com patas muito pequenas com três dedos!

Tal como outros lagartos tem a capacidade de largar a cauda para distrair os predadores enquanto foge!

Outro truque que utiliza como forma de escapar é fazer-se de morto pois os seus predadores dispensam presas já mortas! (foto à direita)

Habita preferencialmente em áreas com muitas ervas, terras aráveis, prados húmidos, jardins rurais e tem um particular gosto por terras de cultivo abandonada. Estes habitats normalmente associados às massas de água são os seus preferidos!

Tem actividade diurna e é muito rápido a fugir e a esconder-se!

Inofensivo para o Homem.



CR



CR

CR

OUTROS NOMES COMUNS

Cobra-de-pernas-de-três-dedos,
Cobra-de-pernas-tridáctila, Eslizão,
Escinco-fura-pastos, Fura-panascos



LONGEVIDADE

06 a 09 anos

ALIMENTAÇÃO

Invertebrados

DIMENSÕES

Até 40 cm

As zonas agrícolas, a norte do Cávado, sobretudo as que têm áreas abandonadas com grande carga de gramíneas, em toda a área do PNLN, são bons locais para serem observados.

Na zona agrícola de Apúlia com as mesmas condições atrás referidas também se observa com regularidade. Os campos abandonados dentro da área florestal entre Fão e Apúlia também são bons spots para a sua observação.

Outro local onde se têm feito algumas observações é a pequena área agrícola a jusante da ponte D. Luís Filipe (conhecida por ponte de Fão) na margem direita do Cávado.



RL

A cor cobreada e os membros tão pequenos fazem com que seja muitas vezes confundido com o lagarto que se segue neste guia!



RL



Licranço (*Anguis fragilis*)

 Lución

 Slow worm



TAXONOMIA

Amphibia

SAURIA

Anguidae

ESPÉCIE PROTEGIDA

Convenção de Berna

ESTATUTO DE CONSERVAÇÃO

LC - Pouco Preocupante

Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal

REPRODUÇÃO

J F M A M J J A S O N D

45



RL

O Licranço é mais um lagarto que pela aparência é confundido com uma serpente!

Como outros lagartos larga a cauda para distrair os predadores e fugir! Apesar de não voltar a crescer até ficar exactamente como era anteriormente, uma cauda nova volta a formar-se!

Hiberna de Outubro/Novembro, até Março/Abril.

Os seus hábitos são sobretudo crepusculares e nocturnos, mantendo-se durante o dia resguardado em esconderijos húmidos, debaixo de musgo, troncos em decomposição ou pedras.

Nos dias húmidos com temperaturas médias, pode-se observar alguma actividade diurna destes lagartos.

Apesar dos mitos, das crenças e outras histórias, o Licranço é um réptil completamente **inofensivo para o homem**.



RL



RL

OUTROS NOMES COMUNS

Descanso, Alicranço, Cobra-de-vidro, Licanço, Alicanço, Liscanço, Aliscanço, Leicranço, Fura-mato, Ânguis, Anguinha, Orveto, luzidio



LONGEVIDADE

Até 50 anos em cativeiro

ALIMENTAÇÃO

Invertebrados, lagartixas e pequenas cobras

DIMENSÕES

45 a 50 cm

Este lagarto amigo dos jardineiros, pois ajuda-os a eliminar pragas como as lesmas ou os caracóis, por exemplo, adora viver em zonas de alguma humidade, em clareiras e nas orlas de bosques, pinhais, hortas e jardins.

Não gosta de ambientes muito secos ou demasiado encharcados!

No PNLN encontra-se em praticamente todo o seu território.



46



RL

Se na foto de baixo parece uma serpente, se olharmos bem para a foto de cima o Licanço não consegue disfarçar a sua condição de lagarto!



RL



Sardão (*Timon lepidus*)

 Lagarto ocelado

 Ocellated lizard



TAXONOMIA

Amphibia
ANURA
Lacertidae

ESPÉCIE PROTEGIDA

Convenção de Berna

ESTATUTO DE CONSERVAÇÃO

LC - Pouco Preocupante
Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal

REPRODUÇÃO

J F M A M J J A S O N D

47



RL



É o maior lagarto da Península Ibérica, medindo por vezes 60 cm mas, alguns indivíduos, já chegaram aos 80 cm!

Prefere habitats mais secos, com arbustos fechados e espinhosos, locais com rochas que sirvam de esconderijo e zonas muito arenosas como as dunas.

Esconde-se em arbustos, rochas, muros, tocas de coelho ou mesmo buracos que ele próprio escava.

Na altura da reprodução são frequentes as lutas entre machos! Normalmente foge quando sente aproximação humana, mas quando encurralado é capaz de atacar, às vezes depois de um *bluf* onde sibila e abre bem a boca de cabeça levantada, e até morder. Mas como qualquer animal selvagem se deixado em paz, foge...

Os mitos ridículos que se contam sobre este animal, completamente infundados, têm muita da responsabilidade sobre a aversão que muita gente tem a estes belos animais e que por isso os matam. Infelizmente, por incrível que pareça, também ainda há quem os consuma como petisco!

Inofensivo para o Homem.



RL



RL

OUTROS NOMES COMUNS

Lagarto-ocelado, Lagarto-verde



LONGEVIDADE

Até 20 anos na natureza
Até 25 anos em cativeiro

ALIMENTAÇÃO

Invertebrados, lagartixas e pequenas cobras, pequenos roedores, ovos e crias de aves, frutas, juvenis da sua espécie

DIMENSÕES

Até 80 cm

No Parque Natural do Litoral Norte, ocorre praticamente em toda a sua extensão!

É muito frequente vê-los nos seus solários a apanharem sol nos muros das zonas agrícolas ou nos passadiços existentes nos cordões dunares.

No caso das dunas, vê-se bem marcado na areia o seu rasto característico! Como vão controlando a temperatura corporal alternando a sua permanência ora ao sol, ora à sombra, os passadiços são bons locais para serem observados.

Infelizmente o atropelamento é uma das principais causas de morte, pois gostam de se aquecerem nas estradas. E no PNLN este problema não é excepção.



Na foto de cima observam-se os preliminares anteriores ao amplexo. As fotos de baixo mostram dois juvenis!



Lagarto-de-água (*Lacerta schreiberi*)

-  Lagarto verdinegro
-  Schreiberi green lizard



TAXONOMIA
Reptilia
SAURIA

ESPÉCIE PROTEGIDA
Convenção de Berna
Directiva Habitats CEE

ESTATUTO DE CONSERVAÇÃO
LC - Pouco Preocupante
Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal

REPRODUÇÃO
J F M A M J J A S O N D



CR



É um bonito lagarto que só ocorre na Península Ibérica e em Portugal sobretudo a norte do rio Tejo!

A cabeça azul do macho, com azul mais forte na altura do acasalamento, é a imagem de marca desta espécie!

O seu habitat está normalmente associado a zonas relativamente húmidas com matagais abertos e terrenos rochosos, e também à proximidade de água como rios, ribeiros, lagos e charcos, com boa cobertura vegetal de espécies autóctones.

Como é bom nadador é frequente mostrarem-se em pequenas ilhas nos ribeiros ou rios!

As áreas agrícolas também são bons locais para a sua observação pois a espécie também se associa aos tanques e poços.

É inofensivo para o Homem.



RL



RL

OUTROS NOMES COMUNS

Lagarto-das-silvas



LONGEVIDADE

Até 08 anos

ALIMENTAÇÃO

Invertebrados

DIMENSÕES

20 a 30 cm

As margens do estuário do rio Neiva as possibilidades de observar o Lagarto-de-água são grandes! Viajando para sul, toda a área agrícola de Belinho e Mar está repleta de grandes poços e tanques e, por isso, também é comum a sua presença.

A margem direita do Cávado, da ponte centenária para jusante, também é um dos locais privilegiados para a sua ocorrência.

Mais a sul, a lagoa de Apúlia e a zona húmida na praia da Ramalha, são também bons locais para a sua observação.



RL

Dois perspectivas de um juvenil!



RL



Lagartixa-de-Bocage (*Podarcis bocagei*)

 Lagartija de Bocage

 Bocage's wall lizard



TAXONOMIA

Reptilia

SAURIA

Lacertidae

ESPÉCIE PROTEGIDA

Convenção de Berna

ESTATUTO DE CONSERVAÇÃO

LC - Pouco Preocupante

Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal

REPRODUÇÃO

J F M A M J J A S O N D



Esta espécie só ocorre no noroeste da Península Ibérica e, em Portugal, é no Minho e no Douro Litoral que se distribui de forma contínua mantendo algumas populações isoladas em Trás-os-montes!

Observa-se em habitats muito diversificados mas ensolarados com grande capacidade de adaptação a paisagens humanizadas: zonas rochosas, sebes e muros, aglomerados pedregosos, prados, matos e florestas, terrenos agrícolas e zonas industriais, povoações.

É inofensiva para o Homem.



OUTROS NOMES COMUNS

Sardanisca, Sardonica, Lagartixa-dos-muros



LONGEVIDADE

Até 04 anos

ALIMENTAÇÃO

Invertebrados

DIMENSÕES

Até 18 cm

No Parque Natural do Litoral Norte não há um local onde não se observe!
Num dia ensolarado ou um pouco mais quente lá as vemos a apanhar sol ou a caçar num qualquer muro ou até num passeio!

Basta um pouco de atenção para as descobrirmos e, se possível, tentar observar os seus movimentos de caça.



CR

Um casal a tratar de dar continuidade à espécie!



RL

Os machos apresentam cores magníficas! É uma bela lagartixa sem dúvida.

Lagartixa-do-mato-comum (*Psammodromus algirus*)

-  Lagartija colilarga
-  Large psammodromus



TAXONOMIA
Reptilia
SAURIA
Lacertidae

ESPÉCIE PROTEGIDA
Convenção de Berna

ESTATUTO DE CONSERVAÇÃO
LC - Pouco Preocupante
Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal

REPRODUÇÃO
J F M A M J J A S O N D



Ocorre no norte de África e numa grande parte mediterrânica da Península Ibérica.

É o lagarto mais comum e abundante nas paisagens mediterrânicas de Portugal, desde o litoral até ao interior.

Esta lagartixa está muito adaptada a uma enorme diversidade de habitats, sendo muito comum nos matos e bosques mediterrânicos, zonas muito arbustivas e com muita manta morta. As dunas, mais precisamente nos locais com muita vegetação típica, também são bons locais para a sua observação.

Desenvolveram características na sua anatomia que as ajuda a lidar com as carraças, suas principais parasitas. Possuem umas pregas de pele nos dois lados do pescoço que formam umas bolsas onde as carraças se alojam e, desta forma, não se propagam por outras zonas do corpo.

É inofensiva para o Homem.



OUTROS NOMES COMUNS

Sardanisca-do-mato



LONGEVIDADE

Até 07 anos

ALIMENTAÇÃO

Invertebrados, sementes e frutos silvestres

DIMENSÕES

Até 25 cm

Dentro do Parque Natural do Litoral Norte as zonas dunares com muita vegetação típica, da foz do rio Neiva até à praia da Ramalha, em Apúlia, são bons locais para a sua observação.

Outra área interessante para a sua ocorrência é a floresta de folhosas e pinheiros entre Fão e Apúlia.



RL

A apanhar sol ou num ponto mais alto a observar o seu terreno de caça, apresenta sempre este "ar" de estado de alerta!



RL



RÉPTÉIS

Ordem Serpentes



COBRAS

Cobra-lisa-meridional (*Coronella girondica*)

 Culebra meridional

 Southern smooth snake



TAXONOMIA

Reptilia

SERPENTES

Colubridae

ESPÉCIE PROTEGIDA

Convenção de Berna

ESTATUTO DE CONSERVAÇÃO

LC - Pouco Preocupante

Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal

REPRODUÇÃO

J F M A M J J A S O N D



RL



Apesar de ocorrer em todo o território continental, a sua distribuição é fragmentada.

É uma cobra difícil de observar dada a sua actividade ser essencialmente crepuscular e nocturna, apesar de que na época da reprodução possa ser observada durante o dia.

Os seus habitats são diversificados e vão desde os mais abertos como prados secos e montados, até zonas florestadas de pinheiros ou folhosas, e tem alguma preferência por zonas quentes, rochosas e secas. Gosta de se esconder debaixo de grandes pedras!

É uma espécie muito calma e **inofensiva para o Homem**, tendo como principal mecanismo de defesa a secreção de uma substância de odor muito desagradável.



RL



RL

OUTROS NOMES COMUNS

Cobra-lisa-bordalesa



LONGEVIDADE

06 a 09 anos

ALIMENTAÇÃO

Lagartixas, pequenos
mamíferos, crias de aves

DIMENSÕES

40 a 90 cm

Na área do Parque Natural os autores só podem confirmar a sua ocorrência na zona da praia da Ramalha, em Apúlia!

Não significa de todo que não possa ocorrer noutros locais da área protegida, pois desde as zonas agrícolas e zonas mais secas de terrenos abandonados, até à floresta de pinheiro e de folhosas entre Fão e Apúlia, existem condições para a sua presença.



RL

É uma cobra bonita e inofensiva que se destaca também pela sua atitude calma e pacífica.



RL



Cobra-de-escada (*Rhinechis scalaris*)

 Culebra de escalera

 Ladder snake



TAXONOMIA

Reptilia

SERPENTES

Colubridae

ESPÉCIE PROTEGIDA

Convenção de Berna

ESTATUTO DE CONSERVAÇÃO

LC - Pouco Preocupante

Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal

REPRODUÇÃO

J F M A M J J A S O N D



RL



A Cobra-de-escada pode ser observada em todo o país, em Espanha e no Sul de França.

Não sendo muito exigente na escolha dos seus habitats pode ser, por isso, observada numa grande multiplicidade de ambientes: as clareiras nos bosques ou pinhais, locais ensolarados e secos com abundância de pedras e arbustos, orlas de florestas, muros, valetas de caminhos, zonas arbustivas ribeirinhas.

Também ocorre em zonas urbanas!

Tem grande actividade diurna, trepa com facilidade muros e árvores onde procura ninhos de aves para predar ou sombras, é muito ágil e rápida e, em caso de se sentir encurralada, torna-se muito agressiva não hesitando em atacar.

Nos dias mais quentes de Verão tem também actividade nocturna!

Apesar da sua agressividade é **inofensiva para o Homem**. Não é venenosa, mata por constricção.



CR



RL

OUTROS NOMES COMUNS

Cobra-riscadinha, Cobra-listada



LONGEVIDADE

06 a 09 anos

ALIMENTAÇÃO

Répteis, pequenos
mamíferos, crias de aves

DIMENSÕES

90 a 160 cm

Esta cobra ocorre em toda a área do Parque Natural.

As suas preferências em termos de habitats faz com que tanto a possamos encontrar nas zonas agrícolas já referenciadas, nas florestas ou até nas zonas urbanas em jardins, parques e construções abandonadas ou desabitadas!

Atenção especial nas paisagens agrícolas, pois procura a vegetação junto aos rios e as orlas de muros que dividem os campos de cultivo.



Na foto de cima mostra-se uma adulta a preparar-se para atravessar um charco, todas as cobras são excelentes nadadoras. Em baixo dois juvenis com o seu padrão característico que, aliás, lhes dá o nome...



RL



CR



Cobra-de-água-viperina (*Natrix maura*)

 Culebra viperina

 Viperine snake



TAXONOMIA

Reptilia

SERPENTES

Colubridae

ESPÉCIE PROTEGIDA

Convenção de Berna

ESTATUTO DE CONSERVAÇÃO

LC - Pouco Preocupante

Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal

REPRODUÇÃO

J F M A M J J A S O N D

60



CR



Ocorre em todo o país e praticamente em todo o lado pois será a serpente mais comum em Portugal!

Pode-se observar numa grande diversidade de habitats que estão associados à água, mesmo tendo hábitos terrestres também é, às vezes, observada a quilómetros da massa de água mais próxima! Quando está na água normalmente está a caçar e, por isso mesmo, a vemos em lagos, albufeiras, rios, charcos, pântanos, ribeiros e muitas vezes em tanques de apoio à agricultura ou até tanques que servem como bebedouros para o gado nas aldeias! Excelente nadadora é também uma boa mergulhadora podendo manter-se submersa durante períodos superiores a 15 minutos.

Pode ser confundida com as víboras porque apresentam um padrão semelhante e porque quando se sentem ameaçadas usam como estratégia de defesa o *bluff*, expandindo a cabeça para que esta adopte uma forma triangular, como a cabeça das víboras, e sibilando. Além da pose teatral usa outros mecanismos de defesa: pode fingir que está morta ou liberta secreções absolutamente nauseabundas. No entanto, se tiver que fazer mesmo um ataque nunca morde! Nem abre a boca sequer ou abre muito raramente!

Completamente inofensiva para o Homem!



CR



RL

OUTROS NOMES COMUNS

Cobra-de-água



LONGEVIDADE

Até 20 anos

ALIMENTAÇÃO

Invertebrados, pequenos
mamíferos, anfíbios e peixes

DIMENSÕES

60 a 110 cm

Todas as massas de água, cursos de água e tanques nas zonas agrícolas, são locais onde a probabilidade de observar esta cobra é muito grande.

As margens dos rios Neiva e Cávado são também muito interessantes, sobretudo onde a vegetação é mais densa.

Como têm actividade essencialmente diurna é muito provável acontecer um encontro com esta serpente!



RL

Uma imagem curiosa com a mosca pousada em cima da cobra!



RL

No solário a aquecer um pouco!

Cobra-de-água-de-colar-mediterrânica (*Natrix astreptophora*)

 Culebra de collar ibérica

 Grass snake



TAXONOMIA

Reptilia

SERPENTES

Colubridae

ESPÉCIE PROTEGIDA

Convenção de Berna

ESTATUTO DE CONSERVAÇÃO

LC - Pouco Preocupante

Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal

REPRODUÇÃO

J F M A M J J A S O N D



RL

Distribui-se por todo o território continental, sendo mais rara nas zonas mais secas e áridas do Alentejo.

As cores apresentadas no dorso podem variar de indivíduo para indivíduo e vão desde o verde-oliva ao acinzentado e até ao acastanhado. O colar que se observa no pescoço, e que lhe dá o nome popular, vai desaparecendo à medida que o indivíduo vai crescendo.

Adopta vários e diversos habitats aquáticos para viver: rios, ribeiros, charcos, lagos, lagoas, albufeiras e pântanos. Como tem uma grande tolerância à salinidade também pode viver em lagos e lagoas de água salobra. Não depende tanto de meios aquáticos para viver como a Cobra-de-água-viperina, também pode ser encontrada longe de qualquer massa de água (matos, prados, áreas agrícolas).

Como defesa ou meio dissuasor pode segregar um líquido fétido e tenta esfregá-lo contra o corpo do agressor, e pode também vomitar sobre o eventual predador! Fingir de morta também é uma das artimanhas que pode usar!

É inofensiva para o Homem.



RL



RL



OUTROS NOMES COMUNS

Cobra-de-água-de-colar,
Cobra-de-água-dos-ervaçais



LONGEVIDADE

Até 19 anos

ALIMENTAÇÃO

Invertebrados, mamíferos,
anfíbios e peixes

DIMENSÕES

60 a 160 cm

Ocorre no Parque Natural nas mesmas circunstâncias que a espécie anterior e mais ou menos nos mesmo locais.

Tem actividade diurna mas, nos dias mais quentes, pode adoptar também alguma actividade crepuscular.



RL

Em cima a cabeça de uma adulta e em baixo um belo juvenil.



RL



Cobra-rateira (*Malpolon monspessulanus*)

🇵🇹 Culebra bastarda

🇬🇧 Montpellier snake



TAXONOMIA

Reptilia

SERPENTES

Lamprophiidae

ESPÉCIE PROTEGIDA

Convenção de Berna

ESTATUTO DE CONSERVAÇÃO

LC - Pouco Preocupante

Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal

REPRODUÇÃO

J F M A M J J A S O N D



RL

É a maior serpente da Europa e, em Portugal, ocorre em todo o território continental.

Sendo muito eclética, pode ser observada praticamente em todo o tipo de habitats desde que estes tenham bastantes condições para se esconderem e vegetação.

Tem actividade diurna e, como outras cobras, nos dias quentes pode também ter actividade nocturna.

Esta grande cobra produz um veneno com características neurotóxicas, **não representando no entanto perigo para o Homem**, pois os dentes inoculadores inserem-se na parte traseira das mandíbulas. Quer isto dizer que a cobra tem que abocanhar a presa e mantê-la parcialmente engolida o tempo suficiente para que o veneno possa ser injectado e fazer efeito, para depois a engolir totalmente.



RL



RL



OUTROS NOMES COMUNS

Cobra-de-água-de-colar,
Cobra-de-água-dos-ervaçais



LONGEVIDADE

Até 25 anos

ALIMENTAÇÃO

Invertebrados, mamíferos,
répteis, aves

DIMENSÕES

160 a 230 cm

Dada a sua capacidade de viver em habitats de características muito diversas, esta grande serpente pode ser observada em toda a área do PNLN!

Das zonas dunares e agrícolas a norte do Cávado, até à mata de folhosas e pinhal entre Fão e Apúlia e às áreas rurais de Apúlia, graças à sua actividade diurna é muito fácil um encontro com esta cobra, até numa caminhada por caminhos rurais.

Também pode ser observada nas zonas urbanas em jardins e parques, quintais grandes e até construções em ruínas,



RL

Em cima uma juvenil com o seu padrão característico!



RL

Uma adulta num dos seus esconderijos preferidos: no meio da vegetação!

Ligações úteis sobre os Répteis e Anfíbios



Tabela comparativa entre Anfíbios e Répteis (vídeo) →

ICNF - Anfíbios e Répteis →

Anfíbios, os primeiros vertebrados terrestres (vídeo) →

Biosfera - Impacto das alterações climáticas nos répteis e anfíbios (vídeo) →

Life Charcos - “Charcos Temporários: um habitat natural a proteger!” →

APH - Associação Portuguesa de Herpetologia →

Conociendo a los anfibios y reptiles de la Península Ibérica →



Contactos úteis

EMERGÊNCIA MÉDICA	112
BOMBEIROS	253 969 800 - Fão 253 969 110 - Esposende
HOSPITAL	253 989 300 - Fão 253 969 480 - Esposende
PNLN	253 965 830 - Info 964 614 687 - SOS
SOS Animal (SEPNA)	800 200 520
GNR	253 989 110
CENTRO DE INFORMAÇÃO ANTIVENENOS	800 250 250

Código de boa conduta

- Respeitar as leis, as regras e a sinalética existentes;
- Não perturbar os animais;
- Ser discreto no campo;
- Não colher qualquer elemento da flora selvagem ou amostras geológicas;
- Contactar imediatamente as autoridades se observar algum comportamento incorrecto;
- Usar sempre que possível os percursos assinalados;
- Manter limpos os espaços naturais;
- Respeitar os proprietários dos terrenos e os modos de vida dos habitantes locais;
- Estes animais são difíceis de observar uma vez que são muito sensíveis ao movimento, escondendo-se muito rapidamente. Para os observar nos habitats já descritos deve evitar fazer barulho ou movimentos bruscos;
- Lembre-se que não é necessário o manuseamento para a sua observação mas se por alguma razão houver essa necessidade deve lavar as mãos de seguida!

LEMBRE-SE QUE ESTÁ NUMA ÁREA PROTEGIDA



Agradecimentos

Por muito simples que seja este trabalho, para chegar ao fim, reconhecemos as ajudas que obtivemos ao longo do tempo no que diz respeito aos conhecimentos obtidos, às partilhas e às colaborações/ajudas por parte de diferentes pessoas e entidades, a quem agradecemos.

Na pessoa do Artur Jorge Viana agradecemos a colaboração do Parque Natural do Litoral Norte e de todo o seu pessoal.

Endereçamos também ao ICNF, através do Dr. Duarte Figueiredo, os nossos agradecimentos pela colaboração dada e pelas palavras aqui apresentadas.

Gratos ao Nuno Gomes Oliveira e à FAPAS - Associação Portuguesa para a Conservação da Biodiversidade a pronta disponibilidade para colaborar e participar neste Guia.

Ao Diogo Oliveira deixamos um grande abraço pelo apoio científico prestado e revisão do Guia e outro abraço ao Ricardo Rocio pela capa.

Um abraço de agradecimento ao amigo José Eduardo Lemos pela sempre pronta disponibilidade para nos ajudar no trabalho de campo e ao Rafael Vazquez Graña pelos ensinamentos, pelo conhecimento transmitido e pelas palavras que partilhou connosco.

De uma forma geral a nossa gratidão a todos que, por diferentes vias e de diferentes formas, fazem chegar ao mundo o Parque Natural do Litoral Norte e a todos os que tudo fazem pela conservação destes “bichos”!

Referências

Cabral, Maria João et al, Ed. (2005). Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal Peixes Dulciaquícolos e Migradores, Anfíbios, Répteis, Aves e Mamíferos. Instituto da Conservação da Natureza, Lisboa.

Almeida, N., Almeida, P., Gonçalves, H., Sequeira, F., Teixeira, J., Almeida, F. (2001). Anfíbios e Répteis de Portugal – Guias Fapas.

Maravalhas, E., Soares, A. (2017) Anfíbios e Répteis de Portugal. Booky publisher.

naturdata.com

biodiversity4all.org

charcoscomvida.ciimar.up.pt

lifecharcos.lpn.pt

mitra-nature.uevora.pt/





Apenas amigas e colaborações que merecem o nosso reconhecimento!



